

A vergonha do analfabetismo

LUIZ GONZAGA BERTELLI

PRESIDENTE-EXECUTIVO DO CIEE, DIRETOR DA FIESP/CIESP
E DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO

O Ministério do Governo Fernando Henrique Cardoso que está tendo mais consistente sucesso, ao que tudo indica, é o da Educação. Contudo, os dados finais do Censo Demográfico 2000, recentemente divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciaram que o número de brasileiros analfabetos permanece extremamente elevado.

No início do terceiro milênio e do novo século, 170 milhões de pessoas habitam o território continental pátrio. Cerca de 3% da população mundial, de 6 bilhões de seres humanos, vivem entre nós. Há uma década, por ocasião do último levantamento estatístico, a população brasileira atingiu 147 milhões de habitantes.

Atualmente, 120 milhões de compatriotas se consideram em condições de ler e escrever. Contudo, em torno de 18 milhões de brasileiros, numa faixa etária de 10 anos ou mais de idade, não foram ainda alfabetizados, o que representa a maior taxa de analfabetismo da América Latina. Em praticamente todos os lugares, a percentagem de mulheres analfabetas é superior à dos homens, desproporção que se acentua quanto mais pobre for um país e mais tradicional sua cultura.

Na Argentina, a taxa de analfabetismo da população com mais de 15 anos é de 3%. O Chile tem percentual de 4%; a Venezuela, de 7%; enquanto na Colômbia é de mais de 8%. Outra acentuada preocupação é com o analfabeto funcional, criatura que sabe ler e escrever, podendo ter até diversos graus de educação. Contudo, do ponto de vista cultural, é tão analfabeto ou mais do que o outro. São também chamados de "analfabetos por descaso", eis que, tendo aprendido a ler e a escrever, pouco ou nada utilizam de seus conhecimentos na vida prática.

VANTAGEM. Daí, a afirmativa do escritor Fernando Sabino, quando sentenciava no seu livro Medo em Nova York. A Cidade Vazia: "A grande vantagem que o analfabeto americano leva sobre o analfabeto brasileiro é justamente a de saber escrever".

Existem projeções de um índice superior a 30% de analfabetos funcionais, o que deverá ser ratificado no vindouro censo nacional. Os

verdadeiros analfabetos são os que aprendem a ler e não lêem mais, proclamava Mario Quintana. Rigorosamente, a luta para erradicar o analfabetismo tem apresentado resultado ainda inexpressivo.

Os maiores índices de alfabetização estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste, as mais ricas da nação. O Distrito Federal (94,8%), Santa Catarina (94,3%), São Paulo (93,9%), Rio Grande do Sul (93,9%) e Rio de Janeiro são os Estados mais alfabetizados. Com o pior índice de população que não sabe ler e escrever encontra-se o Estado de Alagoas (68,2%), ao lado do Piauí, Paraíba, Maranhão e Ceará.

Dez anos após introduzir o projeto de alfabetização de adultos, Águas de São Pedro, cidade turística paulista, comemora auspiciosamente o índice de 97% de alfabetizados entre os moradores. Na pequena São João do Oeste, na divisa com o Rio Grande do Sul, 99,2% da população é alfabetizada: é o maior índice da nação.

No início do século passado, o Brasil tinha 6

Os dados finais do Censo Demográfico 2000,

recentemente divulgados pelo IBGE,

evidenciaram que o número de brasileiros

analfabetos permanece extremamente elevado.

milhões de ágrafos, como os denomina o dicionarista Antônio Houaiss. Com a Carta Magna de 1934, foi instituído o ensino primário gratuito extensivo aos adultos. Na expressão do mestre e acadêmico Arnaldo Niskier, nada melhorou, mesmo quando alcançamos a Constituição outorgada de 1937 ("o ensino primário é obrigatório até os 14 anos de idade").

Nos idos de 40, na gestão do ministro da Educação Gustavo Capanema, foi instituído o Fundo para o Desenvolvimento do Ensino Primário, reservando 25% de todas as suas verbas orçamentárias para a alfabetização de adultos. Cinco anos após, em 47, era instituída a Campanha de Alfabetização de Adolescentes e Adultos. Em 20 anos, de 1940 a 1960, a percentagem de analfabetos decrescera de 56% para 40%, o que foi considerado um resultado favorável.

Mais tarde, presidido pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen, era criado o Mobral, com a ambiciosa meta de alfabetizar 11,4 milhões de adultos até 1971, objetivando a eliminação total

do analfabetismo em 1975. As estatísticas oficiais indicam terem sido alfabetizados 11,2 milhões de pessoas. Esses dados têm sido questionados por outras agências governamentais. Começava, novamente, a escalada do futuro, jogando tudo na obra da alfabetização nacional. Em cerca de um triênio, foram concentrados esforços para alfabetizar 5 milhões de adultos (acima dos 15 anos de idade). O movimento foi encerrado em 1985, com a transferência da responsabilidade da alfabetização para as prefeituras municipais. A Constituição de 1988 previa que o Brasil não teria mais analfabetos em 1998.

PARCERIAS. Desde 96, foi instituído o Comunidade Solidária, presidido pela professora Ruth Cardoso. A sua atuação está restrita às regiões Norte e Nordeste, em parcerias com as universidades e empresas, que fornecem recursos financeiros e humanos. Mais de 10 milhões de analfabetos vivem nessas áreas. O fim do analfabetismo no Brasil custará cerca de R\$ 3,5 bilhões, segundo a previsão do Comunidade Solidária, que gasta R\$ 34 mensais a fim de ensinar uma pessoa a ler num prazo de seis meses.

Inquestionavelmente, o futuro brasileiro está na alfabetização. Existe um enorme desafio para nos redimir dos erros do passado, investindo na mobilização da consciência nacional. Governo, empresários e educadores devem ser, portanto, agentes dessa grande obra.

O investimento na educação, consoante recente estudo da FGV, é a melhor saída para melhorar as condições de vida da população brasileira. A cada ano adicional de estudo, a renda do trabalho aumenta, em média, 16% ao longo da vida. Isto é, a renda de um analfabeto é de R\$ 100; esta será de R\$ 116, se esse analfabeto acumular um ano de estudo e, assim por diante, explica o economista Marcelo Neri. As elevadas taxas do analfabetismo e a baixa escolaridade têm impacto direto na qualidade de vida dos brasileiros.

Vamos convocar, portanto, as entidades de classe, os clubes de serviço, as Forças Armadas, as igrejas, a imprensa e as entidades filantrópicas. Façamos salas de aula rústicas, sem luxo, de madeira, à sombra das árvores, nos salões de festas dos clubes e dos condomínios. Façamos isso com urgência, determinação, patriotismo e amor. Somente dessa forma, iniciaremos a verdadeira erradicação da inazela do analfabetismo no Brasil.